



AS MULHERES NA HISTÓRIA

Dayane Ferreira Ramos da Silva ¹
Dayana Rodriguez Fabrício ²

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo analisar a escrita da história das mulheres e as questões que envolvem esse processo de escrita, apontando com clareza a escassez de conteúdos produzidos que mostram a participação das mulheres ao longo da história. O trabalho também tem como foco apontar as consequências que a ausência da escrita da história das mulheres trouxe para a sociedade de forma geral, o artigo também mostra a importância da prática do ensino da história das mulheres como uma forma de modificar a situação em que as mulheres foram postas na história durante séculos, apontando não só a trajetória das lutas políticas das mulheres em si, mas também a influência das mulheres em grandes feitos históricos.

Palavras-chave: Historiografia feminina, feminismo, gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz à tona uma discussão a respeito da invisibilidade da mulher na escrita da história, o trabalho propõe abordar o surgimento da historiografia feminina no Brasil e a importância da prática do ensino da mulheres em sala de aula, tendo em vista que durante muito tempo a escrita da história esteve voltada a abordagem de temas cujo as figuras centrais eram homens.

Temas históricos como as grandes navegações ou a abolição da escravatura, são tratados de modo que mostram os homens como objeto de estudo da história, retratam os mesmos como agentes ativos da história e protagonistas dos fatos. Sendo assim, a história é escrita e abordada em sala de aula de forma excludente em relação a participação ativa da figura feminina nos fatos.

A proposta do artigo então é mostrar como durante muito tempo a mulher foi colocada na história como uma figura a margem dos acontecimentos que fazem a história e como por muito tempo a participação da mulher na historiografia, está atrelada a imagem dos homens



com os quais elas convivem, sejam eles seus maridos ou parentes, como se as mesmas não tivessem uma história própria ou como se suas vivências não tivessem relevância suficiente para serem escritas.

A pesquisa foi produzida no intuito de apontar a necessidade de trabalhar a historiografia feminina no ensino da história, pois dessa forma a figura feminina passa a ser vista também como agente ativo na história, o qual também tem sua participação em temas clássicos da história. É do interesse da pesquisa também ressaltar o fato de que o estudo das mulheres não pode ser feito de forma superficial generalizando a todas, pois para analisar o papel da mulher em cada sociedade é necessário entender que essas mulheres estavam em posições sociais diferentes na sociedade.

A pesquisa também traz uma breve reflexão sobre as consequências da invisibilidade da mulher no estudo da história em sala de aula, mostrando como o ensino de temáticas clássicas da história que não levam em consideração a trajetória da mulher nem sua participação em tais temas, podem cooperar para um ensino excludente que faz o estudante crer que a figura feminina não é descrita por se tratar de um sujeito passivo na história.

METODOLOGIA

Para a abordagem do assunto, será utilizado fontes escritas, artigos científicos e livros que irão auxiliar na compreensão dos temas e serão usados para levantamento de dados no decorrer da pesquisa. A abordagem do tema é feita inicialmente com pesquisas e ao decorrer do trabalho será explanado o tema de forma crítica e concluir o assunto de modo a despertar no leitor uma reflexão acerca dos fatos.

REFERENCIAL TEÓRICO

As principais discussões que pretendo realizar nessa pesquisa estão voltadas para a escrita da história das mulheres, os principais pontos que essa discussão envolve e a necessidade de reconhecer a importância para a disciplina de história como um todo da escrita das vivências femininas ao longo do tempo, também pretendo abordar o ensino da história das mulheres em



sala de aula, tendo em vista que o ensino da história das mulheres é essencial para que os estudantes entendam como a história pode explicar as raízes de situações atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nova história traz uma proposta diferente do estudo da história tradicional, a partir da escola dos annales há uma mudança no estudo da história, passa-se então a incorporar outros métodos de estudo da história, os documentos oficiais deixam de ser as únicas fontes de estudo da história e outras fontes são incorporadas no estudo da história, trazendo assim outros pontos de vista de temas clássicos.

A partir do momento em que relatos orais, músicas ou poemas são atribuídos a história como novas fontes, torna-se possível que o historiador perceba outros pontos de vista da história de uma civilização e notar a forma de vida das camadas mais populares da sociedade, perceber a condição de vida de pessoas que não tinham poder político suficiente para que suas vivências fossem destacadas em documentos oficiais.

Desta forma, a história passa a ter um olhar mais aprofundado no que se refere a condição de vida das pessoas, um olhar voltado para o estudo das relações humanas e das camadas da sociedade que antes não eram abordadas na historiografia como por exemplo as camadas mais pobres da sociedade e as vivências femininas.

Sendo assim, a historiografia feminina também passa a ganhar mais espaço no estudo da história e muitos autores passam a despertar para a ausência da escrita da história das mulheres, já que por muito tempo as fontes oficiais eram a única forma de estudo da história e as mesmas não incluíam as vivências femininas nas sociedades, uma vez que, a maioria dessas fontes eram elaboradas por homens que geralmente possuíam mais direitos políticos.

Os debates a respeito do feminismo se iniciam no Brasil na década de 70, ao passo em que as pautas feministas se intensificam, inicia-se também um debate sobre a historiografia feminina no Brasil e é a partir de então que há um despertar por parte de muitos historiadores sobre uma lacuna a ser preenchida no que se refere a história social, a trajetória das mulheres e suas vivências.

A historiadora Margareth Rago, em seu artigo “as mulheres na historiografia brasileira” aborda questões sobre a escrita da trajetória das mulheres no Brasil, e em seu trabalho aponta como a história tradicional deixa à margem a figura das mulheres e suas ações em determinado tempo e espaço e em contrapartida evidência a figura masculina como sendo o únicos a realizarem ações ao longo da história.



A autora situa o texto em três pontos a serem trabalhados: problematização em torno da história das mulheres enquanto desdobramento da história social; as aproximações da mulher na história cultural e uma discussão sobre a história da prostituição em São Paulo, no presente artigo será discutido apenas a visão da autora a respeito do primeiro ponto, já que o mesmo tem relação com a proposta feita na presente pesquisa.

Em seu artigo, “as mulheres na historiografia brasileira”, Margareth fala sobre a dificuldade que muitas historiadoras e sociólogas encontram para estudar a mulher em seu contexto social ao longo da história e seus períodos, isso devido à escassez de documentos e fontes que inserem o cotidiano e ações das mulheres. É ao longo da década de 80 que há uma forte preocupação em produzir textos a respeito das mulheres.

Se enfatizou fortemente a questão da resistência e da sobrevivência das mulheres, na década de 80, o movimento feminista já não era mais o mesmo e já não se preocupava apenas com a inserção das mulheres no trabalho, já havia se modificado e propunha temas como as mulheres e sua relação com a família, com a saúde, a religiosidade e sexualidade.

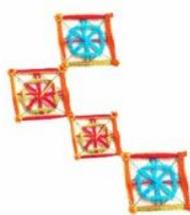
A partir de então, pensa-se também na questão de desconstrução no padrão da mulher, como se as mulheres pertencessem a uma única essência, é neste momento que se pode notar uma preocupação em evidenciar a mulher e mostra-la como capaz de fazer história e merecer seu devido reconhecimento tanto quanto a figura masculina.

A autora também critica a forma como a história da mulher é tratada por muitos teóricos e explica que boa parte do trabalho de muitos teóricos referentes a escrita da história da mulher, não aborda a mulher como um ser ativo capaz de tomar decisões e lutar por seus direitos, mas sim como um ser passivo, geralmente mostrado como uma figura romântica que estão sempre a sombra de seus homens.

Margareth cita em seu texto uma crítica feita a Edward Thompson por Joan Scott, na qual a historiadora critica o método de abordagem feminina que Thompson produz, ressaltando que a história da mulher não deve ser abordada de modo plural, é necessário trabalhar a figura feminina em suas singularidades, com um olhar atento a realidade social de cada uma. A historiadora também critica a forma passiva com a qual a figura feminina sempre é descrita.

“É no interior dessa polêmica que Joan Scott critica a maneira pela qual Thompson incorpora as mulheres em seu estudo sobre o fazer-se da classe trabalhadora. Enquanto o historiador inglês é sensível ao mostrar o trabalho da auto - constituição do proletariado, seguindo os homens nos sindicatos, fábricas tabernas e outras associações de classe, as mulheres aparecem como figuram excêntricas e românticas, errando como sombra ao redor de seus homens”

(Rago, 1955, pg. 86)



Margareth cita outras autoras tais como Maria Odila Leite, Maria Clementina Cunha, Magali Engel e algumas outras que também publicaram obras com temas ligados a presença feminina na história social, não eram necessariamente os mesmos temas trabalhados mas todos tinham pontos em comum entre si. A autora cita que um ponto em comum e bastante interessante entre os muitos trabalhos produzidos a respeito da mulher na história social é trabalhar a questão da mulher marginalizada na sociedade e como essas demonstraram resistência ao machismo.

Tendo em vista que a abordagem a respeito da trajetória feminina na história social é recente podemos concluir que, durante muito tempo a história tradicional que abrange temas clássicos da sociedade foi e ainda é em muitos aspectos abordado em sala de aula sem levar em consideração a figura feminina, trazendo uma ideia equivocada de que mulheres sempre estiveram à margem na história e sempre se comportaram de forma passiva.

Desta forma os estudantes, ao longo e sua formação escolar não tem referência de ensino na história que mostre as vivências femininas ao longo da história, suas lutas políticas, suas trajetórias e seus papéis nas civilizações. Grande parte dessa problemática se deve ao material que os estudantes tem contato no ambiente escolar, os livros didáticos não abordam o papel as mulheres no que se refere a temas clássicos.

Quando a mulher ganha um certo espaço nos livros didáticos são ressaltadas apenas a figura de rainhas que se destacaram em algum ato político porém as mulheres marginalizadas não são tratadas nos livros didáticos, ou seja, não são mostradas as mulheres de classe pobre ou então os livros não as mostram de forma singular, levando em conta que mulheres pertencem à classes sociais diferentes portanto tiveram experiências diferentes.

Toda essa negligência referente a historiografia feminina é refletida em sala de aula e não impulsiona os estudantes a pensar na condição social da mulher nos períodos históricos nos mais variados locais e no decorrer do tempo, cooperando para a formação de uma ideia machista na qual apenas homens fizeram diferença na história e apenas suas façanhas fossem de fato interessantes para merecer espaço na historiografia.

Um outro ponto interessante a se destacar no presente artigo é a forma como a história da mulher foi compreendida assim que houve um despertar para a necessidade da escrita da história das mulheres. Durante muito tempo a história das mulheres foi compreendida como uma história a parte, ou seja, as vivências das mulheres ao longo dos séculos deveriam ser reconhecidas escritas, porém não havia uma visão que envolvesse a história das mulheres a outros aspectos da história social.



Apesar de reconhecido que as mulheres tinham uma história e que a mesma deveria receber a mesma validação que a história que sempre explicitava o protagonismo masculino, a história das mulheres era escrita de forma a parte de modo que não se inseria em contextos políticos e econômicos o que dava a ideia de que apesar das mulheres possuírem uma história as mesmas não realizaram ações políticas que interferisse de alguma forma na história.

A autora Joan Scoot em seu artigo “Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica” fala sobre a escrita da história da mulher, uma nova história, para isso a mesma trabalha o conceito do termo gênero e sua contribuição para a construção da escrita da história da mulher.

A autora então explica como a história da mulher foi reconhecida pelos historiadores ao longo do tempo. Joan Scoot explica que, para a construção da escrita da história da mulher é necessário não somente anexar a história das mulheres e suas ações políticas mas se faz necessário remontar a história como um todo para que a mesma se torne mais completa evidenciando a contribuição das mulheres nas mudanças históricas.

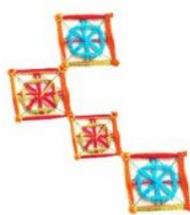
“Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”).

(Scoot, 1989,pg.5)

A partir da observação de Joan Scoot fica claro que, não se trata apenas de reconhecer a necessidade da inserção da história das mulheres no estudo da disciplina, mas houve também a necessidade de mostrar a participação das mulheres principalmente na história política para que as vivências das mulheres não fique à margem da história mas que seja notada como essencial para o entendimento dos fatos históricos.

Além da necessidade de escrever a história das mulheres e introduzi-la na disciplina enquanto parte da história social se torna necessário também levar esse debate para sala de aula, já que o ensino da história também deve ser feito de forma completa, a história das mulheres deve ser vista em sala de aula para quebrar ideias tradicionais a respeito de muitos acontecimentos históricos.

Em geral muitas pessoas que passam pelo período de colegial e estudam a história tem pouco contato com temas sociais transversais que envolvem contextos históricos, muitos estudantes



que terminam o colegial e ingressam no mercado de trabalho ou buscam carreiras acadêmicas que não envolvem a história acabam por não ter contato com a história das mulheres.

Isso acontece porque a história das mulheres na maioria das vezes não é trabalhada em sala de aula ou, é vista de forma superficial, o que acaba por tonar o ensino da história defasado, e os estudantes acabam por terminar o colegial com uma bagagem de saber histórico um tanto quanto incompleto, já que o ensino da história das mulheres pode dar uma visão diferente a muitos fatos históricos.

Tendo em vista que a história é uma ciência que analisa as ações do ser-humano ao longo do tempo, é interessante que a mulher receba seu devido reconhecimento na história não só no meio acadêmico mas também no meio escolar, na intenção de não colaborar para o ensino de uma história que torna a imagem da mulher invisível na história e cria um imaginário de uma mulher submissa, passiva e sem qualquer representação histórica.

Levando em conta que ao ensinar a história das mulheres os jovens que estão em processo de formação terão na escola mais acesso a informações que irão contribuir para um ensino mais completo e conseqüentemente contribuir também para dissolução do machismo, já que a mulher também necessita de representatividade na história, representatividade esta que muitas vezes o ensino de disciplinas que analisam o ser-humano não mostra.

Em um outro artigo, "gênero e ensino de história" produzido por Andressa Borba, Bibiana Harrote e Caio Tedesco, é mostrado como foco principal do trabalho a abordagem do ensino de gênero e outros temas sociais em sala de aula, o projeto busca trabalhar temas transversais em sala de aula com jovens que estão em processo de formação de personalidade, tendo em vista que temas como esses são essenciais para se analisar no ambiente escolar.

O projeto realizado por Andressa, Bibiana e Caio consistia em trazer para sala de aula temas como lgbtfobia, gênero e sexualidade, de modo dinâmica e buscando mostrar também como é possível analisar tais temas por uma visão histórica, promovendo debates com foco em explicar a trajetória histórica de grupos de minoria, realizando uma aula de história que fugia de conteúdos tradicionais com os quais os estudantes que participavam daquele projeto estavam acostumados.

A partir da análise das cenas descritas do artigo em questão, ressaltando no presente artigo um breve recorte de um determinado momento do projeto no qual é proposto aos estudantes uma análise sobre a cultura do estupro e sua historicidade, mostrando como se deu a violência sexual no Brasil no período de colonização a fim de sensibilizar os estudantes a respeito de como o processo de colonização foi para as mulheres e trazer para a realidade a respeito da violência sexual que existe até hoje.



No artigo os autores descrevem algumas reações de alunos a respeito do tema, e a partir da descrição dessas reações podemos perceber não só a necessidade de se trabalhar temas como esse em sala de aula, mas de uma forma geral a necessidade de explicar as raízes históricas de muitos problemas sociais. Uma cena descrita no artigo que chama atenção é a seguinte:

“durante o debate da turma a qual o aluno A pertencia, o mesmo fez a seguinte pergunta: “tá sora, e não tem Lei Maria da Penha pra homem, não?”. Nossa resposta foi no sentido de mostrar que todo desenvolvimento que promovemos do tema vinha com o objetivo de entender o motivo da necessidade de uma legislação protetiva específica para mulheres e LGBT’s”

(Gênero e ensino de história, 2017, pg.18)

O ponto interessante de se ressaltar na cena descrita e que vem a contribuir com a presente pesquisa é o questionamento do estudante em relação a uma lei protetiva específica para mulheres, este questionamento demonstra a necessidade de trabalhar a história das mulheres em sala de aula para que questionamentos como esse sejam esclarecidos com base em estudos históricos, mostrando mais uma vez que a história trás respostas para situações presentes.

Dessa forma podemos perceber também que, temas que envolvem as vivências femininas não podem ser silenciados em sala de aula pois tais temas, além de explicar a atual estrutura social, também contribui para a quebra de um imaginário coletivo no qual as mulheres estão postas na história sempre como criaturas submissas ou que vivem em função dos homens que a cercam, uma ideia de história que foi construída apenas por homens europeus, mostrando uma imagem passiva da mulher perante as ocorrências do passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história social trouxe à tona a ausência da escrita da história das mulheres o que motivou muitos questionamentos a respeito do tema pois a história das mulheres durante muito tempo não era atribuída a história tradicional, de modo que a mesma por muito tempo também não foi atribuída ao ensino da história.



Com o despertar para a escrita da história das mulheres muitos escritores(as) interessados no assunto sentiram dificuldade em encontrar fontes que apontasse as vivências femininas em muitas sociedades e em diferentes épocas, porém a abertura para fontes que não eram necessariamente documentos oficiais tornou-se possível estudar as vivências femininas ao longo da história e remonta-las.

A escrita da história da mulher passou então a ser inserida como campo de estudo da história, porém era necessário que houvesse uma nova forma de se estudar a história e de se conta-la, se fez necessário se reestruturar a escrita da história para se que fosse possível inserir a história das mulheres sem marginaliza-las.

A história ganha um sentido mais completo já que não se trata apenas de contar as vivências femininas como uma história a parte, mas também mostrar a influência que as mulheres tiveram na história social, econômica e política, mostrando quais as contribuições femininas para as mudanças na história.

A escola é um ambiente que também está para a formação intelectual de um indivíduo, de modo que o mesmo pode adquirir conhecimentos e replica-los ao longo de sua vida, sendo a história uma ciência que estuda as ações humanas, entender as raízes históricas da sociedade atual é fundamental para que o indivíduo entenda certas situações atuais e também reflita suas ações.

Desta forma é interessante também ressaltar a necessidade de pôr em prática em sala de aula o ensino da história das mulheres, principalmente a forma como podemos trabalhar temas históricos mais clássicos focando também nas vivências femininas, no intuito de desmistificar a ideia de invisibilidade da mulher na história.

REFERÊNCIAS

Rago, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. 1995

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Nova York, 1989

Andressa Borba, Bibiana Pereira e Caio Tedesco. Gênero e ensino de história: reflexões sobre práticas de iniciação no PIBID/ História(UFRGS). Porto Alegre, 2016